

economia

Juros altos no Brasil fomentam receitas financeiras

B3 teve receita recorde de R\$ 3,2 bilhões no primeiro trimestre de 2026; cenário produz efeitos distintos entre setores

/ CONJUNTURA

Gabriel Margonar
gabrielm@jcrs.com.br

Mesmo com o início do ciclo de redução da Selic, o ambiente de juros ainda elevados continua produzindo efeitos distintos sobre os diferentes setores da economia brasileira. Enquanto a indústria segue enfrentando dificuldades ligadas ao crédito caro e à desaceleração da demanda, o mercado financeiro vive um momento de forte movimentação, impulsionado pela entrada de capital estrangeiro, pela expectativa de queda dos juros e pela maior volatilidade global.

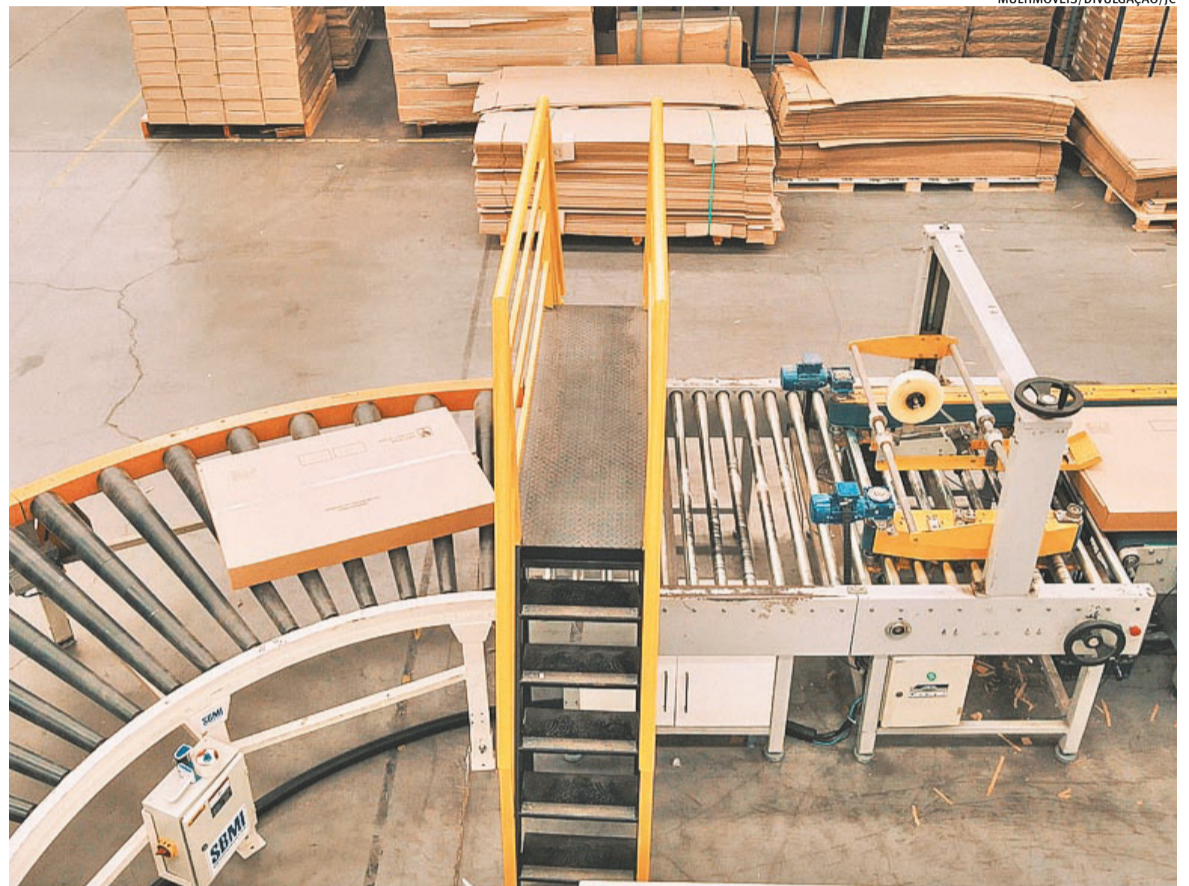
O contraste ficou evidente na sexta-feira, 8 de maio. De um lado, a B3 anunciou receita recorde de R\$ 3,2 bilhões no primeiro trimestre de 2026, com crescimento de 20,5% na comparação anual e avanço expressivo nas negociações de ações, derivativos e renda fixa. Do outro, indicadores divulgados pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) mostraram que a atividade industrial ainda opera em ritmo moderado, pressionada pelo elevado custo do crédito e pela perda de fôlego da demanda interna.

Conforme explica o professor de MBAs da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Robson Gonçalves, o desempenho recente da Bolsa brasileira está muito mais ligado ao cenário internacional do que propriamente à melhora da economia doméstica.

“O que estamos observando é uma forte entrada de capital estrangeiro, algo típico em momentos de volatilidade, queda do dólar e alta da Bolsa”, afirma. Segundo ele, o diferencial de juros continua sendo um dos principais fatores de atração para investidores internacionais. “O mercado reage antes. Quando se antecipa um movimento de queda de juros, os ativos já começam a incorporar isso”, completa.

A própria B3 atribuiu o crescimento das receitas ao avanço das negociações em renda variável e derivativos, impulsionadas principalmente pelo fluxo estrangeiro e pelo aumento da volatilidade global. No trimestre, o volume médio diário negociado em ações cresceu 46%, enquanto as negociações de derivativos avançaram 16,4%.

Para Heitor De Nicola, especialista em renda variável da AVIN Asset, o momento também reflete uma mudança no perfil do mercado. “O crescimento em deri-



Setor industrial é um dos penalizados com crédito caro e com a desaceleração da demanda

vativos indica que o mercado está usando ferramentas mais complexas para hedge e operações estruturadas. Principalmente o investidor institucional, que não foge da volatilidade - ele opera e se prote-

ge dentro dela”, explica. Para ele, o Brasil passou a atrair investidores estrangeiros por combinar juros elevados, ativos considerados baratos em dólar e expectativa de início do ciclo de queda da Selic.

“O investidor começou a sair da zona de conforto do CDI para buscar retornos maiores em fundos imobiliários e ações de dividendos. Mas ainda existe bastante cautela”, completa.

Indústria nacional vive momento delicado

Em contraste com o bom momento registrado pela B3, a indústria continua enfrentando dificuldades mais diretamente ligadas ao custo do financiamento e à desaceleração econômica. Dados da CNI mostram que o faturamento da indústria de transformação cresceu 3,8% em março frente a fevereiro, mas ainda acumula queda de 4,8% na comparação com o primeiro trimestre do ano passado. O emprego industrial recuou 0,3% no mês, na quinta retração em sete meses.

De acordo com o economista-chefe da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs), Giovanni Baggio, o cenário continua bastante delicado, especialmente para estados com forte presença da indústria metalmeccânica, como o Rio Grande do Sul.

“A gente convive há bastante tempo com um cenário de

juros elevados, e isso prejudica muito a atividade industrial, principalmente os segmentos ligados à produção de bens de capital, onde temos forte presença”, afirma.

De acordo com Baggio, os juros elevados voltaram a aparecer como o principal problema apontado pelas indústrias gaúchas nas sondagens mais recentes da Fiergs. “Quando o crédito fica caro e o investimento desacelera, o impacto aparece rapidamente. Já o segundo principal problema apontado pelas empresas é justamente a demanda insuficiente, que também está relacionada aos juros altos”, diz.

Além do crédito mais caro, a indústria ainda enfrenta aumento de custos provocado pelo cenário internacional. Isso porque combustíveis, fertilizantes, fretes e matérias-primas seguem pressionados pelas tensões geopolíti-

cas e pelos conflitos no exterior.

Economistas observam, porém, que o atual cenário não pode ser explicado apenas pelo nível da Selic. Embora juros elevados reduzam o consumo e o investimento no curto prazo, eles também fazem parte da estratégia de controle da inflação e de estabilização das expectativas econômicas. Além disso, fatores estruturais - como baixa produtividade, elevada carga tributária e insegurança fiscal - continuam limitando a competitividade da indústria brasileira. Na avaliação de Robson Gonçalves, o País vive hoje uma espécie de “descolamento” entre o mercado financeiro e a economia real. “Juros altos favorecem o sistema financeiro no curto prazo. Enquanto isso, a economia real desacelera. O setor mais afetado por esse cenário é justamente a indústria”, aponta.







15/05 | 8:00 às 8:30 Networking
8:30 às 10:00 Capacitação

Local: **Associação Comercial de Porto Alegre - ACPA**
5º Andar - Largo Visconde do Cairú, 17, Centro Histórico.

ESTACIONAMENTO NO PRÓPRIO PRÉDIO.
Lyon Park - Av. Mauá, 1413

EVENTO GRATUITO

Apoiadores